Lição 5: A resposta ao argumento de Melisso

Bekker: 186 A 5-22

29. Tendo refutado a posição de Parmênides e Melisso, o Filósofo começa aqui a responder aos seus argumentos.

Sobre isso, ele faz três pontos. Primeiro, mostra como seus argumentos devem ser respondidos. Segundo, onde diz: "O sofisma de Melisso..." (186 a 10 #31), responde ao argumento de Melisso. Terceiro, onde diz: "O mesmo tipo de argumento..." (186 a 23; L6 #36), responde ao argumento de Parmênides.

30. Ele diz que não é difícil responder aos argumentos com os quais Parmênides e Melisso raciocinaram. Pois ambos silogizaram sofisticamente, tanto por assumirem proposições falsas quanto por não observarem a forma própria do silogismo. Mas o argumento de Melisso é mais grosseiro, isto é, mais vão e tolo, e não causa qualquer dificuldade. Pois ele assumiu o que é contrário aos princípios naturais e o que é manifestamente falso, a saber, que o ser não é gerado. E não é algo sério conceder um absurdo, se outro deve decorrer.

31. Em seguida, quando diz: "O sofisma de Melisso..." (186 a 10), ele responde ao argumento de Melisso, cujo argumento é o seguinte.

O que é feito tem um começo. Portanto, o que não é feito não tem começo. Mas o ser não é feito. Logo, não tem começo e, como resultado, não tem fim. Mas o que não tem nem começo nem fim é infinito. Portanto, o ser é infinito. Mas o que é infinito é imóvel, pois não teria fora de si aquilo pelo qual seria movido. Além disso, o que é infinito é uno, porque se houvesse muitos, necessariamente haveria algo fora do infinito. Portanto, o ser é uno, infinito e imóvel.

Além disso, para mostrar que o ser não é gerado, Melisso usou um certo argumento que alguns filósofos naturais também usaram. Aristóteles apresenta esse argumento abaixo, perto do final do Livro I [L14 #120].

32. Aristóteles refuta esse argumento de Melisso em quatro pontos.

Ele argumenta primeiro contra a afirmação de Melisso de que, se o que é feito tem um começo, então o que não é feito não tem começo. Isso não decorre. Antes, é uma falácia do consequente. Pois ele argumenta da destruição do antecedente para a destruição do consequente, enquanto a forma correta de argumentação seria o inverso. Donde não se segue que, se uma coisa que é feita tem um começo, então o que não é feito não tem um começo. A conclusão correta seria que, se

uma coisa não tem um começo, então ela não é feita.

33. Em segundo lugar, onde diz: "Então isto também é absurdo..." (186 a 13), ele refuta o argumento em discussão com referência à inferência de que, se algo não tem começo, então é infinito.

Pois "começo" pode ser tomado de duas maneiras. De um modo, falamos de um começo de tempo e de geração. E esse significado de começo é tomado quando se diz que o que é feito tem um começo ou o que não é feito não tem começo. Em outro sentido, começo é o começo de uma coisa ou de uma magnitude. E nesse sentido, seguir-se-ia que, se uma coisa não tem começo, então ela é infinita.

Donde fica claro que Melisso usa o termo "começo" como se tivesse apenas um significado. Por isso Aristóteles diz que é absurdo afirmar que todo caso de começo é o começo de uma coisa, isto é, de uma magnitude, de modo que o começo de tempo e de geração não é outro significado do termo.

No entanto, uma geração simples e instantânea (que é a indução de uma forma na matéria) não tem um começo. Pois de uma geração simples não há começo. Mas há um começo para uma alteração inteira cujo término é uma geração, já que isso não seria uma mudança instantânea. E por causa desse término, isso às vezes é chamado de geração.

34. Em terceiro lugar, onde diz: "Além disso, segue-se..." (186 a 15), ele refuta a posição acima com referência à sua terceira inferência, a saber, que porque o ser é infinito, ele é imóvel.

Ele mostra de duas maneiras que isso não se segue. Primeiramente, não se segue no que diz respeito ao movimento local. Pois uma parte da água poderia ser movida dentro da água de modo que não fosse deslocada para nenhum lugar extrínseco. Nesse caso, seria movida por uma união e separação das partes. E, da mesma forma, se todo o corpo infinito fosse água, seria possível que suas partes fossem movidas dentro do todo e não saíssem para fora do lugar do todo. Em segundo lugar, ele refuta isso com referência ao movimento de alteração. Pois nada impede que o infinito seja alterado, seja como um todo ou em suas partes, já que não seria necessário postular algo externo ao infinito para explicar isso.

35. Em quarto lugar, onde ele diz: "Mas, além disso..." (186 a 19), ele refuta o argumento dado com referência à sua quarta inferência, pela qual se conclui que, se o ser é infinito, ele é um. Pois não se segue que ele seja um segundo a espécie, mas sim que ele é um segundo a matéria, assim como alguns dos filósofos da natureza sustentaram que todas as coisas são um segundo a matéria, mas não segundo a espécie. Pois é óbvio que o homem e o cavalo diferem em espécie, e, da mesma forma, os contrários diferem entre si em espécie.

Revision #2
Created 27 September 2026 17:28:58 by Admin
Updated 1 October 2026 23:32:57 by Admin